

Há quinze anos que o voto do brasileiro aponta numa mesma direção: as mudanças. Esta afirmação, que contraria algumas correntes políticas, não pode ser contestada. Muito embora esta opção pela mudança tenha por vezes encarnado feições tão diferentes como o velho MDB e seu sucessor, o PMDB, ainda o PT de Lula, a carismática figura de Brizola ou Jânio Quadros e mais recentemente o caçador de marajás Fernando Collor de Mello, não traz em si, ao contrário do que teimam em afirmar muitos dos analistas de plantão, nenhuma opção clara por qualquer ideologia. Prova disso está na própria ciclotimia do voto de oposição. Direita ou esquerda puderam nestes quinze anos arvorar-se como o fator mudança para o eleitor.

Ser governo neste País tem sido, no mínimo, uma posição incômoda do ponto de vista eleitoral. Todas as correntes políticas experimentam o gosto amargo desta verdade. Até mesmo o PT de Lula deve pensar sobre o assunto, vista a má performance eleitoral que acabou por ter em cidades que governa, como São Paulo, Porto Alegre e Vitória. Brizola pode arriscar-se a mostrar seu bom desempenho

O eleitor vota por mudanças

no Rio de Janeiro e no Rio Grande, onde já foi situação, porém não explica o resultado de Curitiba, onde detém a prefeitura.

Por que isto acontece? Por que motivos o eleitor resiste a uma fixação em termos ideológicos? Por que permanece com sua obstinação pela mudança? Talvez pelo fato de que o eleitor foi incansavelmente traído por todos aqueles que vez ou outra representaram sua insatisfação, sua vontade de mudar. Não querem o socialismo, ou um Estado liberal, é possível que nem mesmo saibam dizer o que efetivamente desejam, mas é certo que repetem a cada eleição, de forma plebiscitária, o que não desejam, o que abominam, o que não querem.

Com cuidado e com uma paciência quase infinita, demonstram sua insatisfação através da festa. A cada dia de eleição, como o foi neste 15 de novembro último, ordeiramente registram sua opção e voltam já no dia seguinte à

normalidade, com muita expectativa, porém conduzindo o cotidiano como o mais simples dos dias. O comércio funciona, a indústria produz, os serviços públicos não entraram em colapso. Porém há que se perguntar até quando está paciência perdurará? Qual o tamanho da capacidade do brasileiro em absorver frustrações? Evitar esta possível situação-limite é a obrigação das lideranças responsáveis do Brasil. Aos políticos, empresários, sindicalistas, intelectuais ou, em outras palavras, à elite nacional cabe a tarefa de interpretar corretamente o desejo mudancista e conduzi-lo a bom porto.

Mas se o eleitor brasileiro não deseja nenhuma ruptura brusca, se não possui a opção pela anarquia, é certo que através da mudança deseja coisas tão simples que há que se perguntar por que não foram efetivadas até agora. Quer o eleitor brasileiro respeito em primeiro lugar. Respeito com a coisa pública, go-

vernantes que zelem pelo Tesouro, que conduzam a administração com probidade, que coloquem o Estado efetivamente a serviço do progresso. Que resgatem de uma vez por todas a enorme dívida social existente em nosso país para com os mais humildes. Que seja dada a todos a oportunidade de realização e a certeza de que participam com seu esforço para a construção de uma nação séria, moderna, integrada a um novo mundo que se transforma em grande velocidade e que deixa para trás enterradas como coisa do passado velhas idiosincrasias.

Independentemente do resultado da eleição, o certo é que o brasileiro, na imensidão de sua paciência, dá à elite nacional uma nova oportunidade. Dá aos líderes dos vários setores sociais a possibilidade de repensar o futuro e os erros das ações passadas. Porém, é possível que exista no resultado das eleições um outro aviso. O alerta de que este cidadão pacato e ordeiro, na sua obstinação de querer a mudança, decida também pela mudança de seus líderes, e unilateralmente decida por suspender a prática da elite nacional que já não mais o serve.